



O amor encontra-se
onde menos esperamos.

A DUQUESA
Inesperada

Valerie Bowman

TOP
SEL
LER

«A autora cativa os leitores com as suas narrativas
excepcionais e tramas fora do comum.» *RT Book Reviews*

*Para Janet Culkin, a minha irmã,
que tem de explicar aos tipos no seu local de trabalho
porque tem capas de livros com homens seminus
penduradas nas paredes do escritório dela.*

Amo-te, Janny.

CAPÍTULO UM



Londres, fins de junho de 1815

Lady Lucy Upton afastou uma folha dos lábios com um sopro. O resultado desagradável de ter a cabeça enfiada numa sebe era ficar com o rosto arranhado pelas folhas e a boca ocupada pela folhagem. Para não falar do frio que estava lá fora naquela noite. Mas isto fora ideia dela e tencionava levá-la até ao fim.

Lucy estava firme no seu posto atrás dos arbustos no jardim dos Chambers, apenas a alguns passos da sua querida amiga, Cassandra Monroe. Podia estar a decorrer um baile dentro da elegante casa de cidade, mas ali fora elas estavam sós... por enquanto. Lucy enfiou a cabeça no meio dos ramos o mais que pôde e esticou o pescoço para ver Cass.

Cass estava do outro lado da sebe, esfregando as mãos trémulas para cima e para baixo nos braços arripiados e pálidos.

— E se eu não te conseguir ouvir, Lucy? — murmurou ela.

— Não fiques nervosa, Cass. Eu vou estar aqui.

Cass engoliu em seco e anuiu com um meneio de cabeça.

— Estás a ver? Ouviste, não ouviste? — perguntou Lucy.

Outro assentimento hesitante de Cass.

— Excelente — disse Lucy.

A luz das velas espalhadas pelo jardim derramava um brilho suave sobre o carreiro de pedras onde Cass estava.

— E se ele não vier? — perguntou Cass, puxando pelas luvas, um sinal inequívoco de que estava nervosa.

— Ele vem. Disse que vinha, não disse? E a Jane concordou em ficar lá dentro para controlar as coisas. Nomeadamente a tua mãe.

— Sim, ele disse que vinha. Só Deus sabe como estou a morrer de vergonha. E se a Mãe descobre que estou aqui fora para me encontrar com um homem nos jardins, renega-me.

— Isso seria se o homem não fosse o Duque de Claringdon — contestou Lucy.

— A mamã vai ficar muito zangada se souber que o ando a desencorajar — reconheceu Cass, mordendo o lábio.

Lucy ajustou a sua posição atrás da sebe.

— Exatamente. Temos de nos certificar de que não descobre.

Mais um puxão nas luvas.

— E se o duque der conta de que estás aí atrás e ficar zangado?

— Tens de estar sempre preocupada, Cass? Ele não vai descobrir. E mesmo que descubra, não tem nada que ficar zangado. Embora eu dê crédito ao homem pela sua bravura na guerra, isso não garante que dê um bom marido.

— Tenho a certeza de que dará um marido perfeito para alguém, mas é que... — Cass desviou o olhar.

Lucy sabia. O coração apertou-se-lhe pela amiga. O amor não correspondido era uma coisa horrível.

— Ele não é o Julian.

Cass baixou a cabeça.

— A prima Penélope diz que o Julian deve estar a chegar a casa um dia destes, mas... não consigo...

— Não tens de explicar, Cass. Eu compreendo. Bem, não compreendo o amor, nunca o tendo sentido, mas não te preocupes. Primeiro vamos tratar de despachar o duque, e depois tenciono assegurar-me de que tens a tua hipótese com o Julian.

Cass esfregou os braços com vigor redobrado.

— Estou a ser ridícula, eu sei. É suposto que o Julian se case com a Penélope.

— Não importa — respondeu Lucy. — O que interessa é que tu *não* queres casar com o Duque de Claringdon e não o irás fazer. Independentemente do que a tua mãe possa querer. Se depender de mim, não casas. Não tolero que uma pessoa seja forçada a fazer algo contra a sua vontade e podes ter a certeza de que não vou permitir que o façam contigo. Nem que seja a tua mãe ou o duque. Além disso, nunca poderás enganar-te se fores honesta e se seguirem o teu coração.

— Oh, Lucy, dizes sempre isso. E adoro-te por isso, adoro mesmo. Não faço ideia de como achas que me conseguirás proporcionar uma oportunidade com o Julian, mas adoro o teu otimismo.

— Vamos lá por partes. Neste momento, o nosso problema é o duque.

Ambas as jovens ficaram em silêncio quando uma sombra bloqueou as luzes que vinham das portas francesas que davam para a casa. O som de gravilha a ser esmagada debaixo de botas chegou-lhes aos ouvidos.

— É ele — titubeou Cass.

— Não te deixes intimidar, Cass. Coragem, amiga. Sê forte!

No instante seguinte, a pequena clareira em que estava Cass foi dominada pela presença do Duque de Claringdon. Quando viu Cass, estacou. Do sítio onde estava, Lucy só o conseguia ver do peito para baixo. Do incrível peito largo dele para baixo. Engoliu em seco.

— Lady Cassandra — disse o duque, curvando a cabeça.

Cass soltou um pequeno pio agudo e fez uma reverência.

— Obrigada por se encontrar comigo, Vossa Graça. — A voz dela saiu esganiçada e assustada. Lucy desejou poder estender a mão pelo meio dos ramos e dar um aperto caloroso e encorajador a Cass. *Coragem, Cass. Coragem.*

— Tenho de admitir que fiquei um pouco surpreendido por me pedir para nos encontrarmos aqui — disse o duque.

— A minha intenção não era surpreendê-lo, Vossa Graça. Só queria... só queria...

Lucy afastou rapidamente os seus pensamentos. Era agora. Estava na hora de começar. Cass estava já atrapalhada à procura das palavras. Lucy pigarreou.

— Esperava que pudéssemos falar em privado, senhor — sussurrou ela em voz alta.

Cass repetiu as palavras com voz trémula.

— Compreendo — foi a resposta do duque. Deu um passo em frente e Lucy susteve a respiração.

— Por favor, Vossa Graça, não se aproxime mais. Não gostaria que alguém, que nos visse por acaso, considerasse que o nosso encontro aqui era inapropriado — disse Lucy em voz suficientemente baixa que lhe permitia ter a certeza de que o duque não a conseguiria ouvir. Cass repetiu as palavras.

O duque riu-se.

— Não acha impróprio, Lady Cassandra, estar sozinha comigo no jardim?

Lucy franziu o sobrolho. Bem, se ele ia discutir pormenores...

— Só peço um minuto do seu tempo para tornar claros os meus desejos.

Cass repetiu as palavras rapidamente.

— Muito bem. Então, diga lá — disse o duque.

Lucy respirou fundo.

— Embora tenha a certeza de que há muitas jovens senhoras que ficariam encantadas com a sua atenção, Vossa Graça, tenho de admitir que não sou uma delas.

Lucy quase sentia Cass a encolher-se ao reproduzir as palavras, enquanto puxava desesperadamente pelas luvas ao falar.

Lucy inclinou a cabeça para apanhar a reação do duque. Engoliu em seco. Oh, não devia ter olhado. Tal como tinha descoberto antes no salão de baile, o homem era lindo. Demasiado bem-apegoado.

— Compreendo, Lady Cassandra. E posso perguntar exatamente a razão desse sentimento?

Lucy endireitou-se. Ai-ai. Ele estava a exigir uma razão. O quê? Não concebia que uma senhora não gostasse das suas investidas? Um momento antes, sentira um pouco de pena do duque, mas o seu instinto protetor em relação a Cass sobrepunha-se aos seus pensamentos. Agora apetecia-lhe desfazê-lo com palavras. O que, por acaso, era a sua especialidade.

— Pode ainda ter de descobrir uma mulher que não se apaixone por si, meu senhor. Mas asseguro-lhe que existem — sussurrou Lucy a Cass, semicerrando os olhos ao homem alto.

Da boca de Cass escapou-se outro pequeno guinchinho. Virou a cabeça subitamente para o lado.

— Lucy, não posso dizer isso. — As palavras saíram atabalhoadas num sussurro quase inaudível.

Lucy quase caiu para fora dos arbustos. Toda esta charada dependia de Cass manter a fachada. *Limita-te a repetir as palavras*, suplicou mentalmente à amiga, repetindo a frase rapidamente.

Os olhos de Cass saltaram para o lado e Lucy parou de respirar, à espera que a amiga dissesse a frase cortante.

— Não sei dizer, meu senhor — respondeu Cass em vez disso. — É só que eu...

Lucy gemeu. Cass não o iria dizer. Oh, se ao menos o pudesse dizer ela própria... Uma visão tonta passou-lhe pela cabeça. A imagem de ela a pegar em Cass, puxá-la para trás da sebe, tomando de seguida o lugar da amiga. Sim, uma tolice. E com probabilidades escassas de resultar. Uma pena. Mas muito bem. Teria de suavizar o tom das suas palavras se queria ajudar a Cass. E conseguiria fazê-lo... se... se se concentrasse por instantes. Respirou fundo.

— Muito bem. Deixe-me ser clara. Estou muito pouco interessada em ser a futura Duquesa de Claringdon — afirmou Lucy. — Especialmente quando o duque é obviamente tão arrogante e prepotente.

Cass arquejou.

— Lucy!

Os olhos do duque semicerraram-se sobre a sebe nesse momento. Lucy puxou instintivamente a cabeça para trás, imediatamente antes de ele se aproximar, estender o braço para a sebe e a puxar abruptamente para a clareira. Ela voou para fora do seu esconderijo, com um graveto alojado no penteado descomposto e folhas a deslizarem-lhe pelo decote. Um ramo tinha-lhe arranhado a face. Ela esfregou-a, fulminando-o com o olhar.

O duque olhou para ela com uma inclinação arrogante da cabeça.

— Pensei que tinha um eco, Lady Cassandra. Vejo agora que a sua língua viperina tem nome. Boa noite, menina Upton.

CAPÍTULO DOIS



Derek Hunt semicerrou os olhos para a jovem que tinha arrancado do meio dos arbustos. Via-a suficientemente bem à luz das velas dispersas pelos jardins. Tinha cabelo preto intenso e olhos azuis penetrantes — esperem: um dos olhos era azul, o outro cor de avelã — e uma expressão de desagrado no rosto desafiante. O peito agitava-se-lhe com o que era sem dúvida indignação, e se o olhar pudesse causar um mal físico, ele estaria em sarilhos neste momento.

Lady Lucy Upton.

Ela tinha-lhe captado a atenção no salão de baile, momentos antes. Todos os homens lhe tinham prestado atenção. Ela era deslumbrante. Mesmo com folhas agarradas ao cabelo e um graveto pendurado de um caracol escuro. Ele tinha ouvido um rumor sobre algo de invulgar nela, mas não conseguira perceber o que era. Deviam ser os olhos. Independentemente das cores desfasadas, ela era uma beldade.

Tinha feito perguntas a Lorde Chambers acerca dela.

— Firmemente na prateleira — respondera Chambers. — Sem pretendentes.

— Porquê? — perguntara Derek, despreocupadamente. — Beleza não lhe falta.

Ao que parecia, a senhora tinha uma língua afiada. Estocava com os substantivos, ripostava com os verbos. E distribuía adjetivos com especial sucesso. A todos os níveis, ela era mestre com as palavras. Conseguia fazer um namorado zeloso em fanicos em meros instantes. Segundo Lorde Chambers, não era preciso muito tempo para os solteiros da nobreza, os que não estavam na guerra, se distanciarem de qualquer ligação com Lady Lucy.

Derek atentou na beldade de cabelos escuros. Ele fizera recentemente 30 anos. Tinha acabado de chegar da guerra. Tinha passado anos a suportar trocas de fogo e quase morrera meia dúzia de vezes em campos de batalha de todo o continente. Agora queria paz.

Tinham-lhe recomendado Lady Cassandra. Era considerada calma e recatada.

— A escolha perfeita para esposa — tinha-lhe dito Swift.

A escolha perfeita para um homem que procurava uma vida calma. Uma esposa obediente.

Lady Lucy Upton era exatamente o oposto.

— Vossa Graça — começou Lady Cassandra, obviamente titubeando à procura de uma explicação para a situação altamente inusitada. — Estávamos só a...

Derek cruzou os braços sobre o peito e ficou a observar as duas jovens. Lady Cassandra estava obviamente mortificada. A sua bela cara era de um cor-de-rosa intenso e parecia querer fugir de todo este desastre. Lady Lucy, por outro lado, parecia que estava apenas a começar.

— Acho que sei o que estavam a fazer — replicou ele, olhando com altivez para as duas. — Se não estou enganado, aqui a menina Upton estava atrás dos arbustos, a dar-lhe instruções acerca do que me devia dizer. — Os olhos dele estavam cravados em Lady Lucy, que claramente gostaria de o esbofetear. — Tenho razão, menina Upton? Faltam as palavras a Lady Cassandra?

A bela megera abriu a boca para falar. Até tremia de raiva contra ele. Oh, como estava *ansioso* por ouvir isto.

— Por que razão não escolhe provocar alguém que esteja à altura da sua destreza? — disparou-lhe Lady Lucy.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Como a senhora?

Os olhos dela chispavam.

— Exatamente como eu. Posso não ter a sua altura, peso ou arrogância, mas garanto-lhe que não fico intimidada consigo. E já que estamos a censurar-nos mutuamente, *Vossa Graça*, deixe que lhe lembre que sou filha de um conde e sou *Lady Lucy*, não menina Upton.

Derek teve de morder o interior da bochecha para não sorrir com a reprimenda. Ele sabia muito bem que estava a falar com uma *lady*. Mas não havia nada que os pares do reino detestassem mais do que o facto de alguém se enganar nos seus preciosos títulos. Ele próprio era o mais velho dos três filhos de um soldado. Um zé-ninguém que ascendera

à sua posição puramente por mérito militar. Sim, agora era duque — recompensado pela Coroa pela sua capacidade excepcional de tomar decisões em combate, ou, pelo menos, assim lho tinham dito — e toda a gente estava ansiosa por o conhecer. Dava-lhe náuseas. E recusava-se a entrar no jogo. Embora fosse interessante constatar que nem Lady Cassandra nem Lady Lucy estivessem interessadas no seu ilustre título neste momento.

Derek ficou a olhar para Lucy Upton. Passara os últimos anos a gritar ordens. Era um homem acostumado a que essas ordens fossem executadas imediatamente, e aqui estava uma amostra de uma jovem mulher que não só se recusava a pôr-se em sentido perante ele, como parecia estar a gostar de o antagonizar. Teve de admitir com relutância que o fascinava.

O soldado dentro dele admirava a tendência dela para a franqueza. Ainda com a mesma relutância, admirava-a por defender a amiga e por ser leal. Mas Lady Lucy não o iria dissuadir do seu objetivo.

— As minhas desculpas, *minha senhora* — disse ele com uma vénia trocista.

A ele, não lhe escapou o olhar altivo de desaprovação.

— Temos muita pena de o termos enganado, Vossa Graça — disse Lady Cassandra com a voz ainda trémula. Arrastou os sapatos pela gralhinha, como se tivesse confessado o maior pecado que se poderia imaginar.

— Não temos, não! — quase gritou Lady Lucy com os braços cruzados e as pontas dos dedos a tamborilar junto dos cotovelos.

Os olhos azuis angelicais de Lady Cassandra arregalaram-se.

— Lucy!

Derek levantou uma mão.

— Não. Não. Lady Cassandra, por favor deixe *Lady Lucy* falar. Estou bastante curioso para ouvir a explicação dela.

Lady Lucy pôs os punhos cerrados nas ancas e deu dois passos em frente. Levou uma mão ao cabelo e tirou o graveto extraviado.

— Não lhe devemos qualquer explicação, *Vossa Graça*. Mas a verdade é que Lady Cassandra não está interessada na sua corte. É tão simples quanto isto.

— Ai, sim? — perguntou ele, exibindo um sorriso afetado.

— Sim.

— E é essa a *sua* opinião, Lady Lucy, ou a opinião de Lady Cassandra? Ele conseguia vê-la ranger os dentes.

— Pergunte-lhe — replicou Lady Lucy.

— Eu perguntava, *minha senhora*, mas temo que você respondesse por ela. — Ele deu-lhe um sorriso falso.

Lady Cassandra emitiu um som que dava toda a ideia de estar a sufocar.

— Sugiro que voltemos para dentro e...

Lady Lucy continuou a falar com Derek como se Lady Cassandra nem sequer tivesse falado.

— Como se atreve a questionar as ações de uma senhora?

Derek ficou a olhar serenamente para ela.

— Como se atreve a falar por Lady Cassandra?

Os olhos de Lady Lucy pareciam estar a mudar de cor com o seu humor, um tornando-se uma cor de safira escura e o outro, um verde-musgo.

— Se fosse um cavalheiro, *Vossa Graça*, não questionaria Lady Cassandra e o seu desinteresse pelas suas investidas.

O olhar dele continuou fixado no rosto de Lady Lucy.

— Lady Cassandra, está neste momento prometida a outro?

— N... não — respondeu Lady Cassandra, engolindo em seco.

— Nesse caso, ainda me resta alguma esperança— respondeu ele, continuando a observar Lady Lucy.

Ela deitou-lhe um olhar duro.

— Não está a prestar atenção, *Vossa Graça* — conseguiu ela dizer por entre dentes cerrados.

— Pelo contrário. Penso que a compreendi perfeitamente. Mas já estive em muitas batalhas perdidas, nas quais lutei e acabei por ganhar. Não desisto facilmente.

Derek não fazia ideia porque é que ainda estava a falar com elas. Não sabia fazer a corte a uma senhora. Não era coisa que tivesse treinado na vida militar. Mas havia algo na maneira como ambas o queriam afastar que fazia vir à superfície a sua natureza competitiva. Isso, e o facto de tencionar dominar esta competência específica antes de tudo terminar. Era verdade que parecia que Lady Cassandra já tinha debutado há cinco temporadas, mas ele até preferia isso. Casar com uma rapariga jovem não o atraía minimamente. E havia o benefício adicional de o seu interesse por Lady Cassandra parecer pôr Lady Lucy à beira de um ataque de apoplexia. O que era extremamente divertido. E havia ainda a promessa que fizera a Swift.

— Mas a Cass não está interessada — continuou Lady Lucy. — Pensei que tinha deixado isso claro.

— Deixou isso claro, minha senhora, e lamento — disse ele, olhando de alto para ela outra vez.

Parecendo um pouco apaziguada, ela levantou o queixo e tirou uma folha renitente de um caracol perto da testa.

— Lamenta ter incomodado Lady Cassandra?

Ele alargou o sorriso.

— Não, lamento que me tenha tomado erradamente por alguém que se importa com o que a senhora pensa, menina Upton.

CAPÍTULO TRÊS



Duas horas antes

Derek Hunt esquadrinhou o salão apinhado de senhoras distintas, vestidas de acordo com a última moda, e os seus galantes acompanhantes com plastrões. Risos, champanhe, dança e folia enchiam a sala. Derek endireitou o seu próprio plastrão e meteu uma mão no bolso. Engoliu em seco. Teriam mesmo passado apenas duas semanas desde que pusera a mão no ombro do seu amigo moribundo num campo de batalha encharcado de sangue nos arredores de Bruxelas? Swift não tinha morrido. Ainda não. Mas esperava a notícia a qualquer momento. E ali estava Derek. Tinha voltado para Londres, tinha-lhe sido concedido um ducado pela Coroa, e agora até estava no mercado à procura de esposa adequada. A futura mãe dos seus filhos. Swift insistira que viesse. E Derek não tinha tido escolha. Tinha recebido a ordem do Departamento de Guerra, mas, mesmo assim, estava desgostoso consigo próprio.

Há duas semanas, Derek não sabia se estaria vivo naquela noite. Agora estava a levantar uma taça de champanhe do brilhante tabuleiro de prata que lhe era apresentado por um empregado vestido com um elegante libré. Como se Derek nunca tivesse posto o pé num campo de batalha, como se nunca tivesse visto os seus compatriotas a serem esartejados à sua frente, como se nunca tivesse ouvido os gritos agonizantes dos seus amigos moribundos. Em Londres, as paradas e festas dadas em honra da derrota de Napoleão eram um furor. E ali estava ele naquela noite, o herói glorificado, a festejar a vitória juntamente com todos os outros. Como se nunca tivesse visto o verdadeiro horror da guerra.

E era duque? O raio de um duque? Ainda nem acreditava. Porque é que tinha sido feito duque acima de todos os outros oficiais? Todos tinham

arriscado a vida e cumprido o seu dever, lutando honrosamente. Muitos tinham morrido.

Derek tinha penetrado nas defesas exteriores das fileiras de Napoleão. Vendo a oportunidade, tomara rapidamente a decisão e ordenara aos seus soldados que aproveitassem a abertura. A decisão tinha sido fortuita e acabaria por representar um ponto de viragem na batalha. O Duque Decidido, assim lhe chamavam desde que os relatos da batalha tinham chegado a Londres. Lá decidido era. Tinha-se tornado assim, afinal.

Derek levou a taça de champanhe aos lábios e bebeu um longo gole. Boa bebida, aquela. Francesa. Sorriu com a ironia antes de semicerrar os olhos e de analisar o salão outra vez. Já não estava em combate, mas ainda tinha um objetivo.

Lá estava ela. Lady Cassandra Monroe. A investidura de Derek dependia de ele escolher uma mulher que a Coroa aprovasse, e a reputação e ligações de Lady Cassandra Monroe eram impecáveis. E, por acaso, também era alta, loura e bela. E tranquila e recatada — isto se capitão Swift tivesse razão quanto ao seu temperamento. A mulher perfeita para um homem que tinha acabado de passar os últimos anos na convulsão dos campos de batalha. Lady Cassandra Monroe era exatamente o tipo de mulher que asseguraria que Derek vivesse os dias que lhe restavam em paz e sossego. Precisamente o que ele queria.

Mas o mais importante era o que tinha prometido a Swift. Enquanto via o amigo ranger os dentes e a contorcer-se com dores no chão lamacentos dos arredores de Waterloo, Derek prometera-lhe que encontraria Lady Cassandra e que se casaria com ela.

E Derek Hunt, quer fosse tenente-general, quer fosse duque, *nunca* faltava a uma promessa a um amigo.



Lady Lucy Upton estava de lado no salão de baile, batendo com o sapato no chão ao ritmo da música. Não era tão divertido como ir ao teatro — poucas coisas o eram — mas gostava de música e adorava dançar. Suspirou. Há imenso tempo que não era convidada para dançar, mas isso não a impedia de desfrutar da música.

— Porque é que achas que ele está a olhar para mim daquela maneira? — Cass olhava inquieta na direção do recém-vestido Duque de Claringdon.

Lucy deixou de bater com o pé e seguiu o olhar da amiga.

— Não sei ao certo. Mas parece mesmo que te está a prender com os olhos. Não se pode dizer que seja um cavalheiro, o duque.

Cass atreveu-se a lançar outro olhar.

— Tenho de admitir que é bonito. Mas não tem o cabelo loiro do Julian. — Suspirou.

Lucy olhou para o duque. Estava de pé junto da coluna grega no meio do salão apinhado. Semicerrou os olhos. Muito bem. Cass tinha razão. O Duque de Claringdon era bonito. Na verdade, mais do que bonito. Espectacularmente bonito. Também era enorme. Alto e musculado, parecia o deus da guerra descido do Olimpo. Tinha bem mais de um metro e oitenta, cabelo escuro como breu e olhos verdes cor de jade, ombros largos que se afunilavam até ao abdómen liso, e era todo músculo da cabeça aos pés. Além disso, um herói de guerra. Um tenente-general conhecido pela sua capacidade de decisão. Ganhara uma série de batalhas nos últimos anos e tinha sido enviado ao encontro de Wellington em Bruxelas pouco antes de Waterloo. Era agora conhecido como o Duque Decidido.

Também era arrogante e autoritário, dizia-se. Coisa que, estava Lucy convencida, era uma mais-valia quando se tratava de guerra, mas que neste momento estava a deixar a amiga nervosa.

E isso Lucy não tolerava. Corajosa, direta e sem ponta de modéstia no corpo, só tinha dois amigos neste mundo — bem três, se contasse com Garrett — e Cass era uma delas. Cass, recatada e elegante, era demasiado simpática e bondosa para rejeitar alguém. Sim, Cass sempre tinha sido discretamente leal a Lucy, e Lucy era igualmente leal com ela. Se Cass queria evitar as atenções do Duque de Claringdon, então Lucy iria ajudá-la em tudo o que pudesse.

— Como achas que ele conseguiu que a pele tivesse um brilho tão dourado? — perguntou Cass, deitando outro olhar disfarçado ao duque.

Lucy franziu o nariz e encolheu os ombros.

— Ouvi dizer que estive de férias em Itália pouco antes de o voltarem a chamar para a guerra. Parece que a sua última amante era italiana. — Ela própria deitou um olhar furtivo ao duque.

Sim, o duque era poderoso e mais bonito do que tinha direito a ser. E toda aquela história do herói de guerra não lhe diminuía a atratividade, mas era de uma família completamente desconhecida — e mais importante, Lucy não permitiria que intimidasse Cass. E algo lhe dizia que o duque tinha intenções firmes relativamente à amiga.

Lucy até o compreendia. Quem poderia não gostar de Cass? Ela tinha mais propostas do que se podiam contar. E conseguira rejeitá-las todas

nas últimas cinco temporadas, à espera que o seu precioso Julian voltasse da guerra. O que teria sido uma excelente ideia. O único problema era que ele estava comprometido com Penélope, a prima de Cass. Assim que o Julian regressasse do continente, ele e Penélope planeavam anunciar formalmente o seu noivado e casarem.

— Lady Chambers apresentou-mo há pouco — disse Cass, referindo-se à dona da casa. — Ela disse à mamã que o duque tinha pedido especificamente para me conhecer.

Lucy levantou as duas sobrancelhas.

— O que é que ele te disse quando foram apresentados?

— Nada fora do normal — respondeu Cass. — Foi só a maneira como *olhava* para mim. Como se me estivesse a examinar. Não gostei. Foi isso que eu disse à mamã.

Lucy bufou e imediatamente pôs a mão sobre a boca para abafar o barulho pouco refinado.

— E o que disse a tua mãe?

— Que eu devia sentir-me lisonjeada — respondeu a Cass, mordendo o lábio.

Lucy revirou os olhos e voltou a bater com o pé no chão ao ritmo da música.

— Claro que disse. Ele é duque. Um incomparável bom partido do ponto de vista da tua mãe, independentemente de que família vem. Só o facto de ele estar a olhar na tua direção já põe a tua mãe a preparar o teu enxoval.

— Ele assusta-me — sussurrou Cass. — É tão grande e tem todo o ar de ser capaz de matar um homem só com as mãos.

Lucy deu uma palmadinha no ombro de Cass.

— Eu sei, amiga.

Lucy voltou a olhar para o duque. Não queria tornar as coisas piores sugerindo a Cass que provavelmente matara *mesmo* homens, muitos, apenas com as mãos. Lucy não tinha qualquer dúvida acerca disso. Mas a ela não assustava ele. Nem um pouco.

Cass ajeitou as luvas.

— Quando olha para mim, tenho vontade de desaparecer pela parede dentro.

Lucy acabava de abrir a boca para emitir mais palavras de conforto quando Jane, a terceira amiga do seu grupo restrito, chegou junto delas. Jane tinha cabelo castanho, grandes olhos castanhos que eram emoldurados por um par de óculos com aros de prata e um rosto lindo que

costumava manter enterrado num livro. Apesar do desejo que Jane tinha de permanecer livre, a mãe vestia-a diligentemente e fazia-a ir a todos os bailes de cada temporada na esperança de que o rato de biblioteca intelectual que era a sua filha acabasse por chamar a atenção de algum cavalheiro. Coisa que nunca acontecera. E era precisamente assim que a Jane gostava.

Jane passava o seu tempo nestes eventos relutantemente, fingindo (mal) estar a divertir-se, sendo conhecida por escrever notas para os seus futuros livros, à espera de ter idade suficiente para a mãe desistir e lhe permitir ficar em casa em paz.

E era por isso que, com a avançada idade de 23 anos, Cass, Lucy e a Jane estavam irremediavelmente na prateleira.

— O que se passa? — perguntou Jane, juntando-se a elas.

Ainda a bater com o pé, Lucy encolheu os ombros.

— Eu estou a desfrutar da música e aqui a Cass está a esconder-se de um duque.

A cabeça da Jane virou-se subitamente para o lado.

— Um duque?

— O Duque de Claringdon — respondeu Cass num sussurro. — Está a observar-me.

Jane deitou um olhar furtivo ao duque.

— Ui, está mesmo a olhar para ti. Nunca pensei que fosse assim tão grande. E bonito. Imaginava que tivesse cicatrizes e que talvez lhe faltasse uma orelha ou algo do género.

Cass bateu na manga azul-clara de Jane.

— Céus, isso é mesmo mórbido. Tu e a tua imaginação de escritora.

Lucy deitou os olhos ao duque, com os braços cruzados sobre o peito.

— A mim não me parece que lhe falte nada. — Abanou-se. — Mas a questão não é essa. Se a Cass não está interessada, não está e ponto final.

— Não te preocupes — disse a Jane, dirigindo-se a Cass. — Diz-lhe isso abertamente. De certeza que imediatamente se afastará. Os homens como ele costumam ter um excesso de confiança que facilmente se esvazia.

Lucy olhou para o duque que continuava a olhar para Cass como se fosse um troféu.

— Algo me diz que não será assim tão simples. O homem parece estar habituado a conseguir o que quer.

Cass alisava diligentemente as saias, com os olhos castanhos baixos.

— A Lucy tem razão. Mas mesmo que quisesse, não conseguia dizer-lhe que não estou interessada. Não sou como tu, Lucy. Quando estou assustada, fico com a cabeça completamente vazia. Gostava de ter um pouco do teu talento para dar respostas certeiras.

Lucy riu-se outra vez. Oh, mais valia desistir de tentar ser uma senhora. Simplesmente não era para ela.

— Já eu gostaria de ter a tua capacidade para ficar calada quando devo.

— É fácil, a sério. Só tens de... Oh, céus, ele vem aí. — A voz de Cass atingiu uma nota alta que Lucy nunca ouvira.

— De certeza que te vai convidar para dançar — disse Lucy, observando o avanço inexorável do duque.

— Agradece-lhe e diz-lhe que não te apetece dançar neste momento. E deve ficar por aí — acrescentou Jane com um aceno de cabeça resolutivo.

— Sê forte — sussurrou Lucy o seu famoso conselho.

— É fácil para ti dizer isso — chiou Cass.

Lucy apertou levemente o ombro de Cass.

— Nós vamos estar aqui.

Ela e Jane chegaram-se discretamente para a parede.

Cass deu dois passos corajosos, apesar de hesitantes, em frente para ir ao encontro do duque. Lucy e Jane ficaram a ver os dois a falarem por instantes — e quando Lucy deu por isso, o duque conduzia Cass para a pista de dança. *Oh Cass, não.* Lucy levantou as mãos e virou-se para Jane.

— Ela tem mesmo problemas em dizer não às pessoas.

Lucy ficou a ver Cass e o duque a rodopiarem na pista de dança. Cass, com o seu bonito cabelo loiro cor de mel, e o duque, com as suas feições morenas atraentes.

— Pobre Cass — sussurrou Jane. — Se não estivesse apaixonada pelo Julian, ela e o duque até fariam um casal bonito.

— Ela seria infeliz com Claringdon — respondeu Lucy de modo prático. — Além disso, acho que ela tem uma possibilidade real com o Julian quando ele voltar do continente.

Jane arqueou uma sobrancelha, compondo a sua expressão altamente cética.

— Há muitos homens à escolha. Nunca entendi porque é que a Cass está tão presa àquele.

— Ama-o e tenciono ajudar a Cass a permanecer completamente livre esta temporada até finalmente ver como correm as coisas com o Julian — respondeu Lucy, torcendo a boca num meio sorriso.

— Caramba, Luce, nunca me tinha apercebido do quão romântica és — disse Jane, batendo as pestanas sarcasticamente à amiga.

— Não sou romântica, apenas determinada — respondeu Lucy, com um aceno resolutivo.

Minutos mais tarde, quando Cass voltou sozinha da dança, Lucy puxou-a para o canto para junto delas.

— O que é que ele disse? — Desta vez foi a voz de Lucy que assumiu um tom elevado.

A cara de Cass estava de um rosa intenso. Abanou a cabeça.

— Teceu-me lindos elogios e disse que gostaria muito de me visitar amanhã. Oh, o que vou fazer? Quero desencorajá-lo, mas as palavras recusam-se simplesmente a sair-me da boca. Sorriu como uma tola quando ele fala comigo. Para não dizer que a mamã insistiu que eu o encorajasse. Ela tem estado a observar durante o tempo todo.

Lucy e Cass viraram a cabeça ao mesmo tempo para ver Lady Moreland, a mãe de Cass, a olhar para elas com olhos aprovadores e um sorriso de contentamento na cara redonda. A mulher tinha claramente visões de um ducado a bailar-lhe na cabeça.

Jane tinha tirado um livro da bolsa e estava ocupada a lê-lo, obviamente já desinteressada dos ardis das amigas. Puxou os óculos para cima do nariz e acenou distraidamente para Lucy e para Cass.

— É pena vocês as duas não poderem trocar de personalidade por esta noite. Tenho a certeza de que a Lucy conseguiria impedir os avanços do duque em segundos.

Lucy bateu palmas e a cabeça de Jane levantou-se rapidamente do livro.

— É isso! — exclamou Lucy.

— O quê? — perguntou Cass com os olhos arregalados.

Lucy esfregou as mãos enluvadas com alegria.

— A Jane tem razão. Cada uma de nós é boa numa coisa diferente, não é?

Jane olhou para Lucy com curiosidade.

— Não tenho a certeza de estar a perceber o que estás a dizer.

Lucy pegou nas mãos das amigas.

— Eu sou boa a dizer o que penso e a ser bastante direta. É uma maldição, eu sei. Nunca fui capaz de refrear a língua. A mamã já mo disse muitas vezes. E depois, claro, houve o incidente com a rainha quando fui apresentada à sociedade.

Cass mordeu o lábio.

— Sim. Correu mal.

— Uma recordação em que raramente me detenho, posso garantir-vos. Mas há muito que fiz as pazes com a minha reputação e a minha tendência para a franqueza.

— Sim, és bastante boa a dizer o que pensas — concordou Cass, com um aceno de cabeça.

— E *tu* és boa a atrair cavalheiros e a seres deslumbrante e amiga de toda a gente que conheces, Cass — lembrou Lucy.

Cass sorriu.

— Suponho que sim.

— E a Jane é boa a... — continuou a Lucy.

— Oh, estou ansiosa por ouvir isto — interrompeu Jane, acenando a cabeça com um sorriso zombeteiro na cara.

— Deixa-te disso — respondeu Lucy. — Tu és boa a ser extremamente inteligente e a saberes coisas que nenhuma de nós sabe. Na verdade, se te deixassem entrar para o Parlamento, terias negociado a paz há anos e, já agora, terias mandado retificar os impostos.

— Por favor, diz isso à minha mãe — disse Jane, a rir-se. — Ela não vê qualquer mérito no facto de eu ler e escrever.

— Continuo a não compreender, Lucy — respondeu Cass, com os olhos azuis toldados de confusão.

— Não estás a ver? — disse Lucy. — Temos de nos ajudar umas às outras. Ajudar-nos a obter o que queremos. Cada uma de nós faz as coisas que as outras não sabem fazer e ajudamo-nos.

— Como assim? — perguntou Jane, com um ar cada vez mais interessado.

Lucy sorriu luminosamente.

— Eu quero casar bem. Não preciso de amor nem de nenhum desses disparates, mas espera-se que faça um casamento bom, quer dizer, se algum dia encontrar um homem que eu suporte... — Inspirou fundo. — Até agora, tenho sido um fracasso espetacular. Afugento os homens. A Cass pode ajudar-me a ser mais... atraente para os homens. Ou pelo menos, a não os pôr a milhas.

— Continua — incitou Cass, pestanejando com rapidez.

— E Janie, tu queres continuar completamente descomprometida, não queres? — perguntou Lucy.

— Absolutamente! — respondeu Jane. — Completamente e para sempre.

— Repelir cavalheiros é a minha especialidade. Posso ajudar-te imenso... — riu Lucy.

Jane sorriu.

— Preciso que convenças a minha mãe de que pode parar de me fazer frequentar estes acontecimentos sociais odiosos.

— Vou ajudar-te — concordou Lucy.

— E a Cass? — perguntou Jane.

Lucy puxou as duas para si.

— Já tenho um plano. A Cass quer tentar com o Julian, não é? Verdadeiro amor e tudo isso. Mas não o podes fazer se a tua mãe estiver a encorajar o Duque de Claringdon e a insistir que aceites esta corte. Serei eu a tua voz, Cass. Vou dizer-te que palavras usar exactamente para dissuadir o duque de te seguir.

— Vais mesmo?

Os olhos de Cass estavam esbugalhados.

— Vou — respondeu Lucy. — Vou ajudar-te com a questão do duque. Agora tens de lhe mandar um recado. Temos de o fazer sair deste salão para longe dos olhos perscrutadores da tua mãe. — Outro olhar fugidio a Lady Moreland assegurou-lhes que os olhos dela estavam, de facto, ainda atentos aos movimentos delas. — Pede-lhe para se encontrar contigo lá fora esta noite, ao lado da sebe nos jardins. Eu escondo-me atrás dos arbustos e sussurro-te o que precisas de dizer e tu repetes.

A cara de Jane abriu-se num largo sorriso.

— Sabes que esse plano é tão maluco que até pode resultar. Vai ser como o Horner em *The Country Wife*. Só que menos descarado. — Jane mencionava sempre as suas peças preferidas.

Cass abanou a cabeça, com um olhar preocupado estampado na cara bonita.

— Não. Não. Não vai funcionar. Ele vai ouvir-te de certeza, Lucy.

— Vamos certificar-nos de que está a vários passos de distância — respondeu Lucy. — Dizes-lhe para não se aproximar mais. Por motivos de decência, claro. É perfeito.

Os olhos azuis arregalados de Cass viraram-se para Jane.

— Janie, o que é que tu achas disto?

Jane meteu o livro esquecido na bolsa e cruzou os braços sobre o peito.

— Acho que vou estar lá fora no jardim escondida atrás dos arbustos com a Lucy para não perder pitada disto.

Cass torceu as mãos.

— Mas e se *não* funcionar?

Jane deu uma palmadinha no ombro da amiga.

— O que diz a Lucy sempre? Sê forte? Nesta altura, não tens nada a perder. E se há alguém que consegue este feito, é aqui a nossa Lady Lucy.

Cass engoliu em seco. Olhou para ambas as amigas cuidadosamente e pensou um momento antes de falar.

— Muito bem. Se vocês têm a certeza, acho que vou tentar.

Lucy deu-lhe um enorme sorriso e apertou-lhe as mãos.

— Excelente. Deixem tudo comigo. Vai ser como uma das comédias de que tanto gostamos. Vou surpreender aquele duque arrogante. Temos encontro marcado na sebe.

CAPÍTULO QUATRO



Na manhã seguinte, Lucy passou uma invulgar quantidade de tempo na sala do pequeno-almoço da casa da cidade do primo a compilar mentalmente uma lista de coisas esmagadoras que iria dizer ao Duque de Claringdon quando se encontrassem. Ora, o homem era um perfeito campónio. Como se atreveu a chamar-lhe *menina* Upton? Como se atreveu a questionar os desejos de Cass? Como se atreveu a dizer-lhe que não queria saber do que ela pensava? A Coroa podia ter-lhe concedido um título, mas claramente não conseguia conceder-lhe a boa educação e as maneiras que o deviam acompanhar.

Já tinha catalogado um grande número de coisas para lhe dizer que iriam vergar o duque quando um criado chegou para anunciar que as amigas estavam à espera na sala de visitas para falar com ela.

Por escolha sua, Lucy vivia aqui com a tia e o primo, Garrett. Garrett era o seu grande amigo de infância. Os pais de Lucy nunca a perdoaram por não ter nascido rapaz. Basicamente, renegaram-na. Bem, ignoravam-na a maior parte do tempo. E embora os pais preferissem ficar no campo, Lucy adorava a mãe do Garrett, a tia Mary, que lhe servia de acompanhante enquanto estava na cidade.

Lucy apressou-se a ir para a sala de visitas. Se Jane e Cass estavam lá, com certeza que Garrett tinha ido para lá também. Ultimamente, Garrett tinha o dom de aparecer onde quer que Cass estivesse. Lucy desconfiava que ele estava caído pela sua bela amiga loira.

Lucy abriu as portas duplas que davam para a sala de visitas e entrou decididamente.

— Ah, Vossa Graça, que bom que se juntou a nós — disse Garrett no seu habitual tom sarcástico.

Lucy escondeu o sorriso. Pois, Garrett estava ali. O título honorífico com que a tratou era uma brincadeira entre os dois. Ele tinha começado a chamar-lhe assim a seguir à apresentação dela à Sociedade e depois de os pretendentes se terem afastado. Lucy tinha ouvido um deles dizer que não estava interessado por causa da sua língua viperina e do seu ar altivo.

— Parece uma duquesa pela maneira como se comporta — dissera Lorde Widmere.

Nessa altura, Lucy ficou magoada, mas só da primeira vez. Recusava-se a permitir que alguém visse a sua mágoa ou a sua vergonha. Tinha passado a vida a tentar ser o filho que os pais não tinham, evitando todas as coisas que fossem senhoris e de menina. Seria culpa dela que dissesse o que pensava e se recusasse a suportar idiotas? A sua tendência para a franqueza crua tinha-lhe angariado a reputação de ter a língua de uma megera. Mas se ajudasse em situações como o desastre de Cass com o prepotente Duque de Claringdon na noite passada, preferia a sua língua viperina a ser uma menina recatada. E quanto aos seus ares de duquesa, bem, esses tinham sido o infeliz subproduto da sua recusa em mostrar a fosse quem fosse que a rejeição deles a magoava. Levantou o queixo, endireitou os ombros e disse a si própria que não precisava da aprovação da *Sociedade*. O que é que lhe importava o que eles pensavam?

Então, contara as palavras de Lorde Widmere a Garrett, e fizeram delas uma brincadeira. Uma brincadeira que ainda a magoava um pouco, mas adorava o primo, mesmo que o pai dela o detestasse. Talvez porque o pai dela o detestava. O pai não suportava Garrett pela simples razão de que um dia Garrett iria herdar-lhe o título e não era filho dele. Ah, que família adorável!

Lucy devolveu o sorriso de Garrett e fez uma grande vénia.

— Ao seu dispor — disse ela, com um sorriso.

Garrett estava sentado ao lado de Cass — estava sempre sentado ao lado de Cass — com o cabelo ligeiramente comprido a roçar-lhe o colarinho, os olhos cor de avelã, a mesma cor de um dos de Lucy, chispando divertidos.

— Não te acordámos, pois não? — perguntou Garrett.

— Claro que não. — Lucy pegou na saia cor de violeta com uma mão e dirigiu-se para o sofá grande para se sentar entre Garrett e Cass. Mostrou o pergaminho que tinha na mão.

— Levantei-me com o Sol esta manhã, a escrever coisas para a Cass dizer ao Duque de Claringdon quando ele a visitar.

Jane estava sentada numa cadeira do outro lado da sala a ler um livro muito atentamente.

— Como queres que a Cassandra leia uma lista com o duque ali à frente? — perguntou o Garrett.

— Suponho que tu tenhas uma ideia melhor, Upton. — Jane empurrou os óculos para cima calmamente e virou a página.

Garrett abriu a boca para produzir uma réplica sem dúvida mordaz. Ele e Jane detestaram-se assim que se viram. Conheceram-se numa peça de teatro a que os dois tinham ido cinco anos antes, e os dois estavam envolvidos numa guerra de palavras sem tréguas. Há muito que Lucy tinha aprendido que era melhor cortar-lhes o jogo de palavras logo pela raiz.

— De facto... — começou Garrett.

— Ela só vai ter de as memorizar — interrompeu Lucy.

Cass pressionou as faces com as mãos.

— Memorizá-las? Ai, não. Lamento, mas não posso. — Tirou o pergaminho das mãos de Lucy e olhou para as primeiras linhas. — Lucy, nunca irei conseguir lembrar-me disto tudo. E mesmo que conseguisse, teria demasiada vergonha de o dizer.

Garrett deitou a Lucy um olhar tipo eu-bem-te-disse.

— Ora, aí tens. Não podes andar a pôr palavras na boca da Cassandra.

Lucy agarrou no bocado de papel.

— O que é que isto tem de mal? — Pigarreou e leu o primeiro parágrafo. — «Embora tenha a certeza de que há inúmeras tontas que dariam tudo ao mínimo sinal do seu dedo ducal, acontece que não sou uma delas. Penso que deixei esse ponto muito claro e sou obrigada a questionar-me o que lhe terão ensinado nas escolas militares, porque parece que compreender o Inglês do Rei não está entre os seus variados talentos, sejam *eles* quais forem.»

Garrett deitou a Lucy um olhar resignado.

— Francamente? Será que *tenho de* te dizer o que tem de mal?

— Eu gosto bastante — acrescentou Jane, não levantando os olhos da página que estava a ler. — Talvez um pouco comprido demais para o meu gosto, mas suficientemente claro.

Garrett semicerrou os olhos para a Jane.

— É óbvio que gostas. Se te dessem uma pena, tenho a certeza de que escreverias uma coisa muito pior.

Jane bufou.

— Uma coisa muito pior? O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que gostas, porque eu não gosto. Juro que se eu dissesse que o mundo era redondo, tu dirias que era plano só para seres do contra — respondeu Garrett.

— Dás-te demasiado crédito, Upton. Faz-me questionar...

Garrett abriu a boca para falar. Desta vez, foi Cass que o impediu.

— Oh, Lucy, deves saber que nunca diria isso ao duque — disse Cass, com as faces coradas.

— Porque não? — perguntou Lucy.

— Desde logo, porque é terrivelmente deselegante — respondeu Cass.

— Já para não dizer que duvido que o duque acreditasse que isso era da Cassandra, mesmo que conseguisse memorizar tudo — acrescentou Garrett.

— E eu sei que nunca vou conseguir memorizar tudo *isso* — disse Cassandra fazendo um gesto para o papel.

— Não vejo por que não — respondeu Lucy. — Imagina só que é uma das peças que adoramos. Finge que és atriz.

Os olhos de Cass arregalaram-se.

— Atriz! Ora, a mamã havia de me fechar no quarto durante uma semana se soubesse o que andamos a fazer.

Lucy levantou uma mão frustrada no ar.

— O que interessa o que a tua mamã...

— Lê mais um pouco, Lucy — pediu Jane. — Talvez mais curto, mais fácil de memorizar.

— Muito bem. — Lucy endireitou-se e examinou a página. — Que tal esta parte? «Senhor Duque, lamento informá-lo de que estou ocupada amanhã e no dia a seguir e no seguinte. Estou ocupada todos os dias em que pense perguntar pela minha disponibilidade. De facto, estou um pouco indisposta neste momento, pelo que espero que pegue no seu chapéu e luvas com a devida celeridade e se afaste, a si e à sua companhia equina, desta residência.» — Ela terminou com um aceno de cabeça firme.

Jane arqueou uma sobrancelha escura.

— *Isso* foi mais curto?

— Foi igualmente deselegante — disse Garrett, abanando a cabeça.

— Lucy, eu nunca diria uma coisa dessas. — Cass puxou pelas luvas. — É demasiado horrível.

Lucy levantou uma mão no ar outra vez.

— Horrível? Horrível? Cass, o homem está a tentar cortejar-te e recusa-se a aceitar um não e estás preocupada com ser horrível?

Garrett olhou para Lucy com ceticismo.

— Como sabes que o Claringdon não vai aceitar um não? Conheci-o há vários anos na tropa, muito antes de ser tenente-general, claro. A mim, parecia-me um tipo razoável.

Lucy virou-se para o primo e deitou-lhe um olhar exasperado.

— Tu não estiveste lá na noite passada, Garrett. Conta-lhe, Cass.

Cass engoliu e puxou-se para a frente de Lucy para se dirigir a Garrett.

— Ele parecia mesmo bastante determinado.

Jane anuiu com um meneio de cabeça.

— Concordo com a Lucy. Ele estava pouco disposto a ouvir a palavra *não*. Podes ter de ser um pouco mais contundente, Cass.

Garrett deitou um sorriso presunçoso a Jane.

— Pois, suponho que tu serias capaz de memorizar um discurso destes e não terias problemas em o desbobinar.

Jane voltou a centrar a atenção no livro.

— Não preciso de memorizar nada. Tornei-me bastante eficiente a descompor cavalheiros impertinentes por me relacionar *contigo* ao longo dos anos, Upton.

Antes que Garrett tivesse oportunidade de responder àquela farpa, Cass agarrou na mão de Lucy.

— Oh, Lucy... Não consigo memorizar essas palavras.

— Claro que consegues, Cass — sossegou-a Lucy.

Cass mordeu o lábio. Os olhos estavam abertos como tinteiros ao olhar fixamente para Lucy.

— Prometes-me que vens lá a casa esta tarde e que estarás lá quando ele chegar?

Lucy cruzou os braços sobre o peito e bateu com o sapato na tapete.

— Podes ter a certeza de que estarei lá. Quer o duque goste, quer não.

CAPÍTULO CINCO



Derek passou as mãos pelo cabelo, puxou a cadeira para trás e levantou-se da grande secretária de carvalho no escritório da sua nova casa da cidade. Dirigiu-se para as janelas grandes que davam para a rua e apoiou uma mão na parede. Caramba. Os relatos do Departamento de Guerra desta manhã não pareciam bons. Nada bons mesmo.

Não só não havia notícias do estado de saúde de Swift — a última vez que teve notícias, Swift tinha sido levado para um hospital de campanha nos arredores de Bruxelas — como também não havia notícia de Donald nem de Rafe. Donald, o irmão mais velho de Swift, era o Conde de Swifdon. Era também espião da Coroa e tinha estado em Bruxelas pouco antes da batalha. A ele e a Rafe, o capitão Rafferty Cavendish, tinha sido confiada a missão altamente secreta e perigosa de espiar as linhas francesas à medida que avançavam sobre Bruxelas. Não se tinha ouvido falar de nenhum dos dois homens desde então. Segundo os relatos desta manhã, estavam os dois dados como mortos.

Derek fechou o punho contra a parede. Bolas. Bolas. Bolas. Sentia-se completamente inútil aqui, numa casa da cidade excessivamente decorada em Mayfair. O lugar dele era em busca dos seus amigos, no continente, a cuidar de Swift, ajudando a tornar os últimos dias do seu amigo na terra mais suportáveis como pudesse. Mas as suas ordens tinham sido claras. Regressar a Londres imediatamente e desempenhar o papel de um novo nobre vitorioso. Parecia que o país precisava de uma celebração e a presença de Derek nos salões de baile de Londres tinha como finalidade dar-lhes um herói.

E detestava aquilo tudo. Esta casa. Esta vida. Não era para ele. Nunca tinha aspirado ao título de duque. E não tinha sido preparado para isso.

Regressa a Londres, agora és duque tinha sido a ordem que Wellington lhe tinha dado.

Podia estar preso em Londres, mas iria usar o seu valioso poder de decisão para fazer o que pudesse para ajudar os amigos. Recostou-se para trás à sua secretária, puxou um monte de pergaminhos, e tirou uma pena do tinteiro. Tinha algumas ideias. Lugares onde Swifdon e Rafe podiam estar escondidos se tivessem sido feridos ou forçados a esconder-se. Tinha de conseguir que alguém do Departamento de Guerra o ouvisse.

Tinha de encontrar Swifdon e Rafe. Isso era certo. Se Swift estava a morrer, não podia permitir que Donald e Rafe também morressem. Não. Não o permitiria.

Acabou de escrever a lista para o Departamento de Guerra e assinou e polvilhou o pergaminho, aquecendo depois o seu novo selo de cera ducal por cima de uma vela próxima e selando o papel com o selo. Chamou um criado com a campainha para este levar a missiva rapidamente ao Departamento de Guerra.

Tinha feito tudo o que podia pelos amigos, por enquanto. Entretanto, iria continuar com o seu cerco a Lady Cassandra. Aí estava uma coisa que ele podia fazer por Swift. Comparado com o horror da guerra e a tortura de não saber do destino dos amigos, que dificuldade apresentava fazer alguma corte?

CAPÍTULO SEIS



Quando Derek foi conduzido à sala de estar de Lady Cassandra, teve a impressão clara de que toda a casa tinha perdido o juízo. O mordomo gaguejava, as criadas chocavam umas contra as outras, os dois lacaios quase o fizeram tropeçar no corredor. Aparentemente, o duque tinha uma qualidade de serviço muito diferente do que recebia um tenente-general. Se ele próprio ainda se estava a acostumar ao seu novo título, era certo que o facto de todo o pessoal doméstico andar a correr como se o próprio príncipe regente os estivesse a visitar não ajudava muito as coisas.

— Sua Graça, o Duque de Claringdon — entoou o mordomo, conduzindo Derek para a sala de visitas.

Derek fez uma careta. Quanto tempo teria de passar para que ouvisse aquele título e o reconhecesse como seu?

— Como se chama, bom homem? — perguntou Derek ao mordomo.

— Shakespierre — respondeu o homem, perfeitamente sério.

Derek perguntou de novo para se certificar.

— Shakespeare?

— Não, Shakespierre, Vossa Graça. É francês.

O mordomo despediu-se e Derek abanou a cabeça. Aquilo não era francês. Sim, não havia dúvida de que estava numa casa estranha. Voltou a centrar a atenção na sala em geral.

Lady Cassandra estava sentada num sofá grande creme como uma boneca deslumbrante. O cabelo loiro estava preso em cima da cabeça e tinha um vestido cor-de-rosa que condizia com os seus olhos azuis. Olhos que o observavam cuidadosamente, quase assustados. Santo Deus, a moça tinha medo dele. Teria de ultrapassar isso antes de pedir a sua mão.

Um movimento súbito do outro lado da sala chamou-lhe a atenção e um vislumbre de saias amarelas revelaram... Lady Lucy Upton.

— Vossa Graça — disse Lady Lucy antes de ele ter sequer oportunidade de cumprimentar Lady Cassandra. — A que devemos o prazer da sua companhia?

A sua voz tresandava a sarcasmo. Derek olhou a beldade da cabeça aos pés. Que pena ser uma cascavel, porque a mulher tinha um exuberante aspeto exótico com os seus olhos rasgados, cabelo preto brilhante, maçãs do rosto altas e ancas cheias que quase pediam que um homem as beijasse. A única questão é que acabaria ensanguentado e mordido, pensou ele com um sorriso irónico. Por que razão Lady Cassandra insistia em manter Lady Lucy ao seu lado ele nunca iria entender, mas parece que Lady Lucy era o preço que Derek teria de pagar pela companhia de Lady Cassandra. Que assim fosse. Se não conseguia lidar com uma menina da Sociedade mimada, não valia o ar que respirava.

— Venho visitar *Lady Cassandra* — respondeu ele com um sorriso forçado.

— Por favor, sente-se. — Lady Lucy indicou as cadeiras do outro lado da sala e pestanejou com as suas longas pestanas negras.

— S... sim — fez eco Lady Cassandra, baixinho.

A pobre jovem parecia que estava capaz de desatar a fugir a qualquer momento, como um soldado apanhado a roubar rações de combate.

Derek dirigiu-se com passos largos para uma cadeira que estava junto do sofá grande onde estava sentada Lady Cassandra. Esperou que a empertigada Lady Lucy avançasse para lá e se sentasse antes de ele próprio o fazer. Ah, a aristocracia e as suas minúsculas cadeiras elegantes. Um homem do tamanho dele era capaz de a deixar em bocados. Mexeu-se desconfortavelmente e ignorou claramente Lady Lucy.

— Espero que se sinta bem hoje, Lady Cassandra — disse ele.

Lady Cassandra anuiu com a cabeça.

— Oh, estou bastante bem. E como está...? — pigarreou —... Vossa Graça?

— Excelente. E como estão a sua mãe e o seu pai?

— Os dois bastante bem também, obrigada. A mãe saiu para fazer as visitas da tarde e o pai está no clube.

Derek assentiu com a cabeça. Lady Lucy estava sentada ligeiramente atrás dele onde ele não conseguia ver-lhe a cara, mas teve a nítida impressão, pelo número de vezes que Lady Cassandra desviava o olhar para a sua amiga, que estava de algum modo a fornecer-lhe informação.

Era como uma maldita espia do Departamento de Guerra, aquele diabo de mulher.

— Não está demasiado cansada da festa de ontem à noite, presumo?
— perguntou ele.

Os olhos de Lady Cassandra voaram para Lady Lucy.

— Não. Nada mesmo.

Derek rangeu os dentes e mexeu-se na cadeira ridiculamente pequena.

— Que planos tem para esta tarde?

Outra olhadela rápida para Lady Lucy.

— Oh, eu... mmm. Quer dizer, nós...

— Vamos dar uma vista de olhos às lojas — anunciou Lady Lucy por trás dele. — Bastante atarefadas hoje. Bastante mesmo.

Lady Cassandra parecia aliviada por ter sido poupada à obrigação de responder à pergunta.

— E amanhã à tarde? — perguntou ele a Lady Cassandra, embora toda a sua atenção estivesse focada na pequena insolente atrás dele.

Mais uma vez, Lady Cassandra olhou para Lady Lucy à procura da sua deixa.

— Eu... nós...

— Amanhã também estaremos bastante ocupadas — interrompeu Lady Lucy.

Era demais. O Derek pôs-se de pé, levantou a cadeira com facilidade e colocou-a num ângulo onde via bem as duas.

— Parece-me que estou a falar com a senhora errada.

A mão de Lady Cassandra voou-lhe para a garganta. Os olhos invulgares de Lady Lucy cuspiam fogo enquanto o observavam com desdenho.

— Não sei ao que se refere — pestanejou inocentemente.

— Não sabe? — perguntou ele, arqueando uma sobrancelha.

— Perguntou pelos nossos planos e dissemos-lhe quais eram.

— Perguntei pelos planos de *Lady Cassandra* e a menina respondeu por ela. — Ele rangeu os dentes.

Lady Lucy cruzou os braços sobre o peito e ficou a olhar para ele.

— Eu sou a acompanhante de Lady Cassandra.

— Ai, sim? Uma mulher solteira a fazer de acompanhante? — retorquiu ele.

— Assim é. Sou eminentemente qualificada — respondeu Lady Lucy.

— Tenho sérias dúvidas disso. — Outro sorriso forçado dele.

Lady Lucy quase caiu da cadeira.

— Como se atreve?

— Oh, atrevo-me com bastante facilidade, minha senhora. O que não compreendo é porque é que insiste em agir como se...

Um ligeiro pigarreio elegante interrompeu-os. Uma tentativa de Lady Cassandra para os fazer deixar de discutir, sem dúvida. Virou a cabeça para ela.

— As minhas desculpas, minha senhora.

— Quais são os seus planos para a tarde, Vossa Graça? — perguntou Lady Cassandra.

— Visto que já está ocupada, talvez vá de cavalo até Huntington para ver a minha nova propriedade.

— A propriedade que lhe foi concedida com o título? — questionou Lady Cassandra.

— Sim. Parece que agora sou proprietário de terras — respondeu Derek.

— Talvez queira pôr-se a caminho o mais depressa possível — sugeriu Lady Lucy. — É bastante longe daqui, não é?

— Quer que me vá já embora, minha senhora? — retorquiu, olhando-a com suspeição.

Ela bateu-lhe inocentemente as pestanas outra vez.

— Não queria dizer nada disso. Seria *indelicado*.

— Ah, claro, e a menina não teria qualquer experiência nesse campo, pois não? — perguntou ele, sucintamente.

Lady Cassandra abriu a boca em silêncio e Lady Lucy deitou-lhe um olhar fulminante.

— Já Vossa *Graça* parece ter bastante.

Derek soltou um suspiro de frustração entredentes.

— Lady Lucy, talvez fosse melhor nós os dois termos uma conversa em privado.

Lucy levantou uma sobrancelha.

— Nós os dois?

— Sim.

— Em privado?

— Sim.

— Prefere que eu saia? — ofereceu Lady Cassandra, com ar até bastante aliviado com a ideia.

Derek abanou a cabeça.

— Não. Gostaria de ter uma curta conversa privada no corredor com Lady Lucy se ela estiver disposta a tal.

Lady Lucy levantou-se imediatamente e fez um gesto para a porta.

— Com certeza.

Lady Cassandra ficou a olhar para eles, com a boca a formar um grande «O» e os belos olhos azuis a pestanejar rapidamente. Derek ofereceu a mão a Lady Lucy, que imediatamente a recusou com um sorriso forçado e saiu a passos largos à frente dele pela porta da sala de visitas. Ele seguiu-a e fechou a porta.

Lady Lucy virou-se subitamente para o encarar com os braços ainda cruzados com determinação.

— Diga, Vossa Graça. — Ela tinha um sorriso falso estampado na cara — e lá voltaram aquelas pestanas perturbadoras a bater outra vez.

Ele pigarreou.

— Minha senhora, parece que nós os dois começámos com o pé esquerdo. Gostaria que começássemos outra vez.

Ela deixou cair os braços.

— Muito bem. Tenciona desistir de cortejar a Cass?

— Claro que não.

— Nesse caso, lamento, mas não podemos começar de novo.

Ele inspirou profundamente pelas narinas.

— Porque é que me acha tão inaceitável, ao certo?

— Por um lado, é prepotente e, por outro, é arrogante. — Apontou para a porta da sala de estar. — A Cass é uma alma doce. Não faria mal a uma mosca e é simpática para toda a gente. Precisa de alguém que cuide dos seus interesses.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— E esse alguém é a senhora? Não é o pai?

Os olhos de Lady Lucy chispavam fagulhas contra ele.

— Neste caso, sim.

Ele empurrou a bochecha para fora com a língua.

— Nesse caso, não pode haver tréguas entre nós?

Ela voltou a cruzar os braços sobre o peito.

— Não enquanto insistir em cortejar a Cass.

Ele assentiu com a cabeça.

— Então, que assim seja.

Lady Lucy colocou a mão no manípulo, pronta para abrir a porta e voltar para junto de Lady Cassandra.

— Era melhor seguir o meu conselho e deixá-la em paz. Só está a perder o seu tempo.

Ele semicerrou os olhos para as costas firmes dela.

— E a menina faria melhor em deixar de interferir. Só está a perder o seu.

Ela virou a cabeça ligeiramente para olhar para ele e arrematou:

— Não deixarei de o fazer, Vossa Graça.

Ele inclinou a cabeça.

— Nem eu, minha senhora.

Desta vez, ela arqueou uma sobrancelha, compondo um ar de desafio.

— Muito bem. Se assim é, que ganhe o melhor.

Uma história deliciosa sobre desencontros, mal-entendidos e paixões escondidas.



Lady Lucy Upton é conhecida pela sua beleza exótica, mas também pela língua afiada que afasta qualquer pretendente. Apesar do mau feitio, ela é a pessoa ideal para ajudar a tímida Cassandra a desencorajar a corte do Duque de Claringdon, que está à procura de esposa.

Com palavras ousadas e desafios impróprios de uma senhora, Lucy torna-se a sombra de Cassandra, falando no lugar dela na altura de repelir o duque. Contudo, o duque é mais obstinado do que elas imaginavam, deixando Lucy surpreendida por encontrar alguém capaz de responder às suas provocações.

O que Lucy não sabe é que o duque não desistirá de Cassandra. Ele é um homem de honra. E a verdade é que, antes de regressar da guerra, o seu amigo Julian, às portas da morte, o fizera prometer que casaria com a jovem. Apesar de não a amar, Cassandra seria a esposa perfeita... se Lucy não metesse constantemente o nariz onde não é chamada!

O pior é que agora o duque não consegue ficar indiferente à atrevida mulher! Como cão e gato, os dois iniciam uma perigosa batalha de temperamentos.

Mas a lei da atração dita que um deles terá de ceder...



«Maravilhosamente inspirado no clássico *Cyrano de Bergerac*.»

Publishers Weekly

<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8800-97-8  9 789898 800978 Ficção Romântica</p>
---	--